

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Reprodução Instagram

Arthur levou seu amor pelo Flamengo para a crônica digital

Foi-se um pedaço da alma rubro-negra

NA SEMANA PASSADA, A GENTE PERDEU o cronista, publicitário e produtor audiovisual Arthur Muhlenberg. E, olha, não foi qualquer perda. Foi daquelas que fazem um silêncio danado no bar, na arquibancada, na resenha. Porque Arthur, antes de tudo, era a tradução viva do espírito carioca: bon vivant, malandro no melhor sentido, ligeiro de pensamento, dono de tiradas que vinham como um drible curto, seco e desconcertante. Um cara que entendia a vida como poucos e escrevia como quem conversasse contigo na mesa de um botequim.

PRA QUEM AINDA NÃO SE DEU CONTA do tamanho da ausência, vale dizer sem medo de exagero: foi um dos maiores cronistas rubro-negros da história. Daqueles que dá pra colocar na mesma prateleira dos gigantes como, por exemplo, Mário Filho e José Lins do Rêgo. Arthur foi, acima de tudo, o grande cronista da era digital, num tempo em que muita gente se desapegou da leitura, ele fazia a turma abrir exceção. Quando era texto dele, nego rapaziada parava. E parava porque ali tinha verdade. Tinha alma. Tinha Flamengo pulsando em cada linha.

ARTHUR ENCARNAVA COMO POUCOS o espírito do torcedor rubro-negro: irreverente, provocador, metido a besta na medida certa - porque ser Flamengo também é isso - mas sempre com um respeito raro pelas outras torcidas. E talvez por isso tenha conquistado algo que não se compra: admiração até de quem estava do outro lado. Não foi por acaso que, no meio de um mar vermelho e preto no velório, surgiu uma camisa do Vasco. Um símbolo silencioso de que, quando a alma do texto é grande, ela ultrapassa qualquer rivalidade.

AO LONGO DE MAIS DE DUAS DÉCADAS, Muhlenberg não só escreveu sobre o Flamengo. Ele ajudou a moldar o que é ser Flamengo. Seus textos não eram só relatos ou opiniões, eram quase manuais de comportamento, crônicas que ensinavam a olhar o clube com orgulho, irreverência e pertencimento. Formou uma geração inteira de rubro-negros que aprenderam com ele que torcer também é um ato de identidade.

E FAZIA ISSO PORQUE ERA UM CRONISTA DAS RUAS. Arthur não escrevia de longe, do escritório. Ele estava no meio do povo, sentindo o calor, ouvindo a resenha, vivendo o que depois virava texto. Era ali, na mistura, que ele captava a essência pra devolver em forma de crônica.

NA MINHA VIDA, FICA TAMBÉM A MARCA DO AMIGO. Sempre generoso, sempre disposto a somar. Em várias das suas produções, fazia questão de me colocar junto, e isso diz muito sobre quem ele era.

A GENTE DIVIDIA, ALÉM DO FLAMENGO, o amor pelo samba. E talvez não exista combinação mais perfeita pra explicar o Arthur: um texto com cadência de tamborim e alma de arquibancada.

ELE MESMO RESUMIU, COMO NINGUÉM, o que é tudo isso: "A principal função social do Clube de Regatas do Flamengo é deixar puto todo mundo que não é Flamengo." E ele dizia isso rindo, com aquela ironia fina de quem sabia que, no fundo, estava falando de algo muito maior: identidade, pertencimento e paixão.

ARTHUR MUHLENBERG SE FOI, MAS DEIXOU ALGO que não acaba: um legado vivo, pulsante, espalhado em cada rubro-negro que aprendeu com ele a sentir o Flamengo de um jeito diferente. E também deixou amor - muito amor. Não à toa, se apresentava como Arturzão Love. Era isso. Um cronista gigante, com coração do tamanho da arquibancada.

FICA AQUI O NOSSO BEIJO, ARTURZÃO.

E obrigado por tudo.

Um território entre o desejo e a memória

Prosa da porto-riquenha Mayra Santos-Febres chega ao Brasil com o romance 'Fé Disfarçada', lançado em 2009

Jose Arturo Ballester Panelli/Divulgação



Mayra Santos-Febres é uma das vozes mais decisivas da literatura caribenha contemporânea

Depois de mais de trinta anos de carreira literária, a porto-riquenha Mayra Santos-Febres tem seu primeiro livro publicado no Brasil. "Fé Disfarçada", lançado pela Pallas Editora, é a tradução de "Fe en Disfraz", romance de 2009 que acompanha dois historiadores em encontros ritualizados na Universidade de Chicago.

O livro narra a perspectiva de Martín Tirado, historiador porto-riquenho especializado em preservação digital de documentos, que chega à instituição para trabalhar no Centro de Pesquisas Históricas de Estudos Latino-Americanos. Ali conhece Fé Verdejo, historiadora negra estudiosa da escravidão feminina nas Américas dos séculos XVII e XVIII. Entre os dois estabelece-se uma relação de desejo oblíquo: encon-

“Em sua obra, ela constrói personagens femininas potentes a partir das quais investiga sexualidade, desejo e as marcas do racismo e da escravidão”

CRISTINA F. WARTH



tros marcados exclusivamente para a noite de 31 de outubro, véspera de Todos os Santos.

Narrado em primeira pessoa, o romance acompanha o estado de vigília de Martín nos dias que antecedem cada ritual. Enquanto escreve um relato que pode não sobreviver à noite, ele se confronta com o peso do desejo, a memória da diáspora africana e a ferida histórica da escravidão — inscrita, literalmente, na pele de Fé, em queloides que formam um alfabeto silencioso. O erotismo funciona como campo em que a história retorna ao corpo.

Samhain, o Ano-Novo das culturas pagãs celtas que originou o Halloween, é o momento em que o véu entre vivos e mortos se afina. Santos-Febres sobrepõe camadas de tempo para investigar quem tem o direito de narrar a história e de que matéria essa narração é feita. Fé Verdejo se disfarça não para escapar de si mesma, mas para se conectar com a ancestralidade que carrega.

Em 152 páginas, a autora constrói um romance que se alimenta de fontes primárias reais — narrativas de escravizados como Olaudah Equiano, Frederick Douglass, Harriet Jacobs e Mary Prince —, sem abrir mão da ficção. Santos-Febres revela que parte dos documentos foi recombinada, traduzida ou francamente inventada.

“O catálogo da Pallas ainda é pequeno na representação da autoria afro-caribenha — e é justamente por isso que o lançamento de “Fé Disfarçada tem um significado especial para nós. Mayra Santos-Febres é uma das vozes mais importantes da literatura da região. Em sua obra, ela constrói personagens femininas potentes a partir das quais investiga sexualidade, desejo e as marcas do racismo e da escravidão”, afirma Cristina Fernandes Warth, editora da Pallas.

Santos-Febres é romancista, poetisa, contista e professora de Literatura na Universidade de Porto Rico. Sua obra atravessa o corpo, a identidade negra e o desejo como territórios políticos. Recebeu a Bolsa Guggenheim em 2015 e foi finalista do Prêmio Rómulo Gallegos com Nuestra Señora de la Noche.